



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Rede credenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

NATHANY NUNES DA SILVA

MÃE QUE NÃO AMAMENTAM - O APOIO E O OLHAR DA EQUIPE DE
ENFERMAGEM: Uma revisão literária

PALMAS – TO

2020

NATHANY NUNES DA SILVA

MÃE QUE NÃO AMAMENTAM - O APOIO E O OLHAR DA EQUIPE DE
ENFERMAGEM: Uma revisão literária

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora Prof^a. Esp. Evelini Franco Hiramatsu.

PALMAS – TO

2020/2

NATHANY NUNES DA SILVA

Mães que não amamentam - o apoio e o olhar da equipe de enfermagem: Uma
revisão literária.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II
elaborado e apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Enfermagem pelo Centro Universitário Luterano de
Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora Prof^a Esp. Evelini Franco Hiramatsu

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Evelini Franco Hiramatsu

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof^a Dr^a Tatyanni Peixoto Rodrigues

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Enf^o Dr^a Solange Maria Miranda Silva

Convidada Externa

PALMAS – TO

2020/2

Primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. Aos meus pais, por serem os provedores das minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por sempre ter guiado os meus passos e por ter me proporcionado chegar até aqui.

Aos meus pais Leão Nunes e Jovina Teixeira, por serem sempre meu refúgio, meu alicerce e meu porto seguro. A eles também sou grata pelos puxões de orelha, pela confiança e amor absoluto. Obrigada por terem acreditado em mim e por terem me apoiado nas minhas decisões. Agradeço ainda, pela luta constante na vida, pelo esforço econômico e por terem feito o possível e o impossível para me dar a oportunidade de estudar em uma universidade e em uma cidade longe de casa. Serei eternamente grata. Devo tudo a vocês e com e por vocês compartilho nossa conquista. Amo vocês.

Aos meus irmãos Claubert Vinicius e Cleuber Vinicius pelo amor incondicional e por sempre estarem presentes.

Agradeço ao meu namorado, Rafael, que mesmo chegando ao final dessa trajetória fez uma enorme diferença, me dando confiança e força para seguir em frente, dia após dia, e por ter sido tão parceiro e paciente o tempo todo.

A minha querida e amada amiga de infância Leylane Tavares, que mesmo de longe se fez presente durante essa jornada.

Agradeço também aos meus amigos que conquistei ao longo da graduação, em especial Davi Germano, Luzirene Martins e Josiane Teixeira, sempre foram meu ombro amigo, cuidaram e me ajudaram nas dificuldades. Vencemos essa batalha juntos, e levarei a nossa amizade para sempre.

Minha eterna gratidão à minha orientadora Evelini Franco Hiramatsu, pela dedicação, disponibilidade, atenção e pelos ensinamentos passados ao longo da construção desse trabalho. Meu muito obrigada!

RESUMO

SILVA, Nathany Nunes. **Mães que não amamentam: O apoio e o olhar da equipe de Enfermagem: Uma revisão literária.** 2020. 40 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Enfermagem, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2020.

Apesar da amamentação ser a principal estratégia para prevenir mortes infantis, a prevalência do aleitamento materno exclusivo no Brasil ainda é baixa, e são vários os fatores que contribuem com esse cenário, como: idade materna, baixa escolaridade, entre outros. Neste sentido, o presente trabalho teve como objetivo descrever como a equipe de enfermagem pode auxiliar as mães que não amamentam, identificando o seu perfil e os principais fatores que dificultam a prática da amamentação, assim como as consequências da não amamentação na vida dessas mães. Trata-se de uma revisão de literatura com abordagem descritiva, cuja amostra foi fixada em 21 artigos que contemplaram os critérios de inclusão e exclusão. Concluímos que existem alguns fatores que dificultam a prática da amamentação, dentre os mais citados na literatura são: Dificuldade do bebê com a pega, traumas mamilares, uso de chupetas e mamadeiras, concepção de leite fraco/insuficiente e volta da mãe ao trabalho. Outro fator importante verificado acontece quando as mães são impossibilitadas de amamentar, o que gera uma frustração e até sentimentos negativos a sua condição materna. Dessa forma, evidenciou-se que a equipe de enfermagem ao auxiliar as mães que não amamentam devem estar mais atentas à identificação das suas necessidades emocionais, ampliando a preocupação com uma assistência de enfermagem mais qualificada, demonstrando sensibilidade e empatia ao orientar e ajuda-las.

Palavras-Chave: Dificuldades de Amamentação. Desmame Precoce. Enfermagem. Amamentação.

ABSTRACT

SILVA, Nathany Nunes. **Mothers who do not breastfeed: The support and the look of the Nursing team: A literary review**. 2020. 40 f. Course conclusion work (Graduation) - Nursing Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO, 2020.

Although breastfeeding is the main strategy to prevent infant deaths, the prevalence of exclusive breastfeeding in Brazil is still low, and there are several factors that contribute to this scenario, such as: maternal age, low education, among others. In this sense, the present study aimed to describe how the nursing team can assist mothers who do not breastfeed, identifying their profile and the main factors that hinder the practice of breastfeeding, as well as the consequences of not breastfeeding in the lives of these mothers. This is a literature review with a descriptive approach, whose sample was fixed in 21 articles that covered the inclusion and exclusion criteria. We concluded that there are some factors that hinder the practice of breastfeeding, among the most cited in the literature are: Difficulty of the baby with the handle, nipple trauma, use of pacifiers and bottles, conception of weak / insufficient milk and mother's return to work. important factor verified happens when mothers are unable to breastfeed, which generates frustration and even negative feelings about their maternal condition. Thus, it became evident that the nursing team when assisting mothers who do not breastfeed should be more attentive to the identification of their emotional needs, expanding the concern with a more qualified nursing care, demonstrating sensitivity and empathy when guiding and helping them. .

Keywords: Breastfeeding difficulties. Early weaning. Nursing. Breast-feeding.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Demonstrativo dos artigos utilizados para esta pesquisa em ordem cronológica decrescente, entre os anos de 2010 a 2019, Palmas-TO.....18

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Demonstrativo do perfil das mães que não conseguem/podem amamentar, segundo a pesquisa realizada em Palmas- 2020.....27

Tabela 2- Demonstrativo sobre os principais fatores que dificultam a prática da amamentação, segundo a pesquisa realizada, Palmas -2020.29

Tabela 3 - Demonstrativo das consequências da não amamentação na vida das mães, segundo a pesquisa realizada, Palmas -2020.31

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BIREME	Biblioteca Regional de Medicina
AM	Aleitamento Materno
BDENF	Base de Dados de Enfermagem
HIV	Vírus da imunodeficiência humana
LILACS	Literatura Latino- Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
SCIELO	Scientific Eletronic Library Online
OMS	Organização Mundial de Saúde

1. Conteúdo	
1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Problema	11
1.2 Hipótese	11
1.3 Objetivos	11
1.3.1 Objetivo Geral.....	11
1.3.2 Objetivos Específicos.....	11
1.4 Justificativa	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 Amamentação	12
2.2 Principais fatores que prejudicam a amamentação.....	13
2.3 A equipe de enfermagem no processo de amamentação	15
3 MATERIAIS E MÉTODOS	16
3.1 Delineamento do estudo.....	16
3.2 Fonte de dados.....	16
3.3 População e amostra.....	17
3.4 Local e período do estudo.....	17
3.5 Critérios de inclusão e exclusão	17
3.6 Estratégia de coleta de dados	17
3.7 Análise e apresentação de dados.....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
4.1 Papel da equipe de enfermagem na assistência as mães que não amamentam	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O aleitamento materno além de nutrir constitui-se ainda uma técnica natural de vínculo, afeto e proteção para a criança, gerando um grande impacto na promoção da saúde da mãe e do bebê (LIMA et al., 2019). De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010), a principal estratégia para prevenir mortes infantis é o aleitamento materno, pois ele promove a saúde física, mental e psíquica do binômio (mãe e bebê).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que o leite materno seja o único alimento nos primeiros seis meses de vida, sendo que só após este período, como forma complementar, seja introduzido outros alimentos nutricionalmente adequados, até que a criança complete dois anos ou mais (COSTA et al., 2018).

Entretanto, a prevalência de aleitamento materno exclusivo no Brasil ainda é baixa e são diversos os fatores que contribuem com esse cenário, como: idade materna, baixa escolaridade, atitude materna frente a amamentação, falta de apoio dos familiares e parceiro, como também fatores socioculturais e trabalho materno (FALSETT; SANTOS; VASCONCELLOS, 2019).

Para Barbosa et al. (2017) a presença de dor mamilar, ingurgitamento mamário, lesão mamilar, dificuldades na pega e na sucção, a agitação do bebê e a percepção de leite insuficiente pela mãe são outros fatores de risco para o desmame precoce e devem ser cautelosamente avaliados pelos profissionais de saúde durante o ato da amamentação, pois são condições que apontam a existência de dificuldades no manejo da amamentação.

Estudos evidenciam que as duas primeiras semanas caracterizam o período mais árduo para o aleitamento materno, em razão da parturiente está frente a uma situação nova, distinta de toda a sua experiência, tendendo a amedrontar e levando ao sentimento de impotência que pode permanecer (COSTA et al., 2018).

Neste sentido, Teixeira (2017a) descreve que apenas a mãe optar pelo ato de amamentar o seu filho não é o suficiente, é necessário que ela se encontre inserida em um meio que apoie a sua decisão para que a amamentação ocorra com êxito.

Diante disso, é imprescindível que os profissionais de saúde, sobretudo os enfermeiros, proporcionem uma amamentação segura e saudável, se atentando que a amamentação não se trata de um ato instintivo, pelo contrário a amamentação

demanda prática, informação, apoio e , principalmente paciência (SOUSA et al., 2015).

1.1 Problema

Como a equipe de enfermagem pode auxiliar as mães que não amamentam?

1.2 Hipótese

Por tratar-se de um processo complexo cercado de dificuldades e que exige conhecimento, persistência, desejo e motivação, acredita-se que muitas mães não recebem o apoio e as orientações necessárias e acabam por se frustrar e até mesmo desistir do ato.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Descrever o papel da equipe de enfermagem na assistência as mães que não amamentam.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar a partir da literatura o perfil das mães que não conseguem ou não podem amamentar;
- Analisar a partir da literatura os fatores que dificultam a prática da amamentação;
- Delinear as consequências da não amamentação na vida dessas mães.

1.4 Justificativa

Desde o início da humanidade, a amamentação é considerada como um processo natural e fisiológico que recebe influências profundas, sendo elas: culturais, familiares, sociais, psíquicas, espirituais, ambientais e biológicas, entre outras (CUNHA; SIQUEIRA 2016).

Entretanto, estudos vêm demonstrando que mesmo sendo natural e fisiológico, muitas mães não conseguem amamentar, sendo os mais diversos motivos, desde a falta de leite, falta de apoio, estresse, entre outros.

Outro motivo da não amamentação, que gera desconforto da mesma maneira, são as mães portadoras de HIV, que por recomendação do Ministério da Saúde, ficam impossibilitadas de oferecer o seu leite ao seu filho.

A temática nasceu a partir da identificação com o assunto, e veio a curiosidade de buscar mais sobre o tema, de entender melhor os sentimentos dessas mulheres.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Amamentação

A amamentação é a única forma natural de alimentar os recém nascidos e de fundamental importância para o desenvolvimento do mesmo, pois o leite materno é um alimento rico em nutrientes e essencial para o crescimento saudável (CARVALHO et al., 2016).

O aleitamento materno (AM) é recomendado por dois anos ou mais, sendo de forma exclusiva nos primeiros seis meses. De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2015), o aleitamento materno exclusivo é quando a criança recebe somente leite materno ou leite humano de outra fonte, sem a introdução de qualquer outro líquido ou alimentos sólidos, exceto vitaminas e outros medicamentos. Dessa forma, constituindo um importante fator de proteção ao recém-nascido, pois possui nutrientes e substâncias de defesas que são passados no ato da amamentação contribuindo na diminuição de doenças, redução da mortalidade infantil e problemas gastrointestinais.

Dentre inúmeros benefícios que se conhece sobre o AM, Urbanetto et al. (2018) afirmam que as crianças que são amamentadas possuem melhores índices de acuidade visual, desenvolvimento neuropsicomotor, desenvolvimento cognitivo e elevado quociente de inteligência.

Corroborando com essa afirmação, Jacinto et al (2017) descrevem que a amamentação favorece para que a criança tenha um melhor desenvolvimento nutricional, metabólico, orofacial adequados e à prevenção de doenças

gastrointestinais, distúrbios nutricionais e alergias. Nas mães, os benefícios mais comuns são prevenção de câncer de ovário, mama, prevenção de osteoporose e diminuição do risco de hemorragia pós-parto.

Dessa forma, amamentar vai além da passagem do leite de um organismo para outro, é um momento de estabelecimento e consolidação do vínculo e interação entre mãe e filho, causando um grandioso impacto na promoção da saúde integral da dupla (CAPUCHO et al., 2017).

O aleitamento materno concede à nutriz o auxílio da praticidade em estar sempre pronto, na temperatura adequada. Não demanda gastos financeiros, trabalho e tempo para seu preparo, auxiliam na diminuição e retorno do útero ao seu local e tamanho original. Se a amamentação ocorrer de forma exclusiva até o sexto mês constitui-se ainda um método natural de planejamento familiar, pois reduz a possibilidade de uma nova gestação (CAMARGO, 2017).

Sendo assim, através do ato de amamentar é plausível que a mãe aprenda sobre o comportamento do seu bebê e sobre seu papel de mãe e o bebê aprende a se relacionar com sua mãe e com o mundo (ANDRADE, 2014).

2.2 Principais fatores que prejudicam a amamentação

Apesar de todas as ênfases que comprovam a superioridade da amamentação sobre outras formas de alimentar a criança até os 2 anos de vida, e apesar dos esforços de diversos organismos nacionais e internacionais, as prevalências de aleitamento materno no Brasil, em especial as de amamentação exclusiva, até os 6 meses de vida, estão abaixo do recomendado (BRASIL, 2015).

É perceptível ainda na população a existência de tabus sobre o ato de amamentar, além da carência de informações mais detalhadas e aprofundadas para as mães a respeito dos direitos, facilidades e complicações do aleitamento materno exclusivo (FARIA et al., 2017).

A crença de leite insuficiente ainda é muito presente em meio as nutrizes, muitas vezes devendo-se ao fato das mães não se sentirem seguras quanto à sua capacidade de produzir leite na quantidade adequada para a criança. Sendo essa crença apoiada no choro do bebê, que normalmente é relacionada à fome ou ao fato de o leite não estar sendo adequado às necessidades das crianças (LAHOS; PRETTO; PASTORE, 2016). São vários fatores existentes que fazem com que a

prática do aleitamento materno exclusivo não seja adotada com eficácia, tais como a falta de tempo com a volta da mãe ao trabalho, a gravidez não desejada, ausência de apoio do parceiro e a interferência de familiares. Outros fatores, que também podem prejudicar a eficácia da amamentação são: o uso de chupetas e mamadeiras, pois mascaram a sucção correta da criança (LIMA et al., 2019).

Neste sentido, Oliveira (2011) descreve outras complicações que dificultam a amamentação, sendo elas: as fissuras e/ou rachaduras da mama, ingurgitamento mamário e mastites. Estes problemas podem ser evitados com orientações prévias e durante o início da amamentação, como: cuidados e orientações para manter os seios hidratados, posicionamento correto do bebê e evitar seios muito cheios através da ordenha manual.

Para Niquini et al. (2009) algumas características maternas, como baixa escolaridade, trabalho informal, não ter experiência prévia de amamentação, omo ser adolescente com companheiro ou adulta sem companheiro, podem contribuir para uma introdução precoce de leite artificial e, por conseguinte, influenciar na duração da amamentação e /ou sua desistência .

Por outro lado, Sanches (2004) diz que se as disfunções orais (desordens da sucção do bebê), não corrigidas precocemente, podem gerar ações inadequadas, prejudicando o desempenho satisfatório entre mãe e bebê na mamada. Sendo facilmente corrigidas, desde que identificadas precocemente. Entretanto, a falta de rotinas nas maternidades, como ausência de profissionais capacitados, tarda o início do tratamento e assim, impossibilitando uma amamentação eficaz.

Outro fator importante e presente em nosso meio que impossibilita e interfere na amamentação são as mães portadoras do vírus HIV, pois nesse caso específico ocorre a contaminação por transmissão vertical, ou seja, o vírus é transmitido à criança no ato da lactação, sendo nesses casos fundamental que a amamentação deixe de ser vista como necessária, fonte de vida e saúde, compreendendo-a também como doença e passível de óbito. Diante da infecção pelo HIV, a suspensão da amamentação é iminente, pois, mesmo que o leite materno apresente inúmeras vantagens, tais como anticorpos, células nucleares e outros fatores de proteção aos recém-nascidos, a presença desses vírus torna o leite-humano impróprio para uso (TEIXEIRA et al., 2017b).

Em paralelo a isso possuem as mães que se recusam a amamentar, ou por algum motivo interrompem o ato antes do tempo recomendado como necessário, e

são inúmeros os fatores que as levam a isso os mais comuns são: depressão no pós-parto, alterações puerperais, questões estética, ou até mesmo por não saberem a forma correta de conduzir a amamentação, ignorando os seus benefícios e optando pela desistência (OLIVEIRA et al., 2018).

2.3 A equipe de enfermagem no processo de amamentação

No que concerne a amamentação o enfermeiro deve estar apto a precaver, identificar e solucionar as dificuldades na interação entre mãe e filho, identificando os problemas para que sua realização seja bem sucedida. É fundamental que durante o aleitamento no momento de internação hospitalar toda a equipe de enfermagem se concentre para que as necessidades da mãe sejam previamente reconhecidas e solucionadas, reprimindo o desmame precoce ou início da alimentação complementar antecipadamente (AZEVEDO et. al., 2015).

Machado et al. (2012) descrevem que o acompanhamento do processo de amamentação deve ser constante, desde o pré-natal até a puericultura e de responsabilidade dos profissionais que operam na atenção básica, devendo apresentar os principais fatores que influenciam o desmame precoce, pois os mesmos encontram-se presente num contexto social, educacional e de responsabilidade dos serviços de saúde.

Corroborando com essa afirmação, o Ministério da Saúde descreve que através do acompanhamento do pré-natal é possível motivar e encorajar as mulheres a amamentarem, mas para que isso ocorra é imprescindível que haja diálogo entre profissional e gestante a respeito do seu desejo de amamentar, cabendo ao profissional orientar tanto a gestante quanto seus familiares sobre os benefícios da amamentação, tempo adequado do aleitamento materno, danos que podem advir com desmame precoce, produção do leite e manutenção da lactação, aleitamento materno precoce ainda na sala de parto, importância do alojamento conjunto, técnica de amamentação, problemas e dificuldades presentes na amamentação (BRASIL, 2015).

Estudos evidenciam que apenas a educação em saúde não é suficiente para evitar o desmame precoce, se faz necessário o acompanhamento das mães durante a amamentação. O acompanhamento deve ser realizado por profissional capacitado

que reconheça os fatores de risco para desmame e o auxilie no estabelecimento e manutenção do aleitamento materno (AMARAL, 2015).

Neste sentido, Ferreira (2016) descreve que a assistência prestada pelos profissionais de saúde deve ser de forma eficiente, humanitária, integral e contextualizada, respeitando a experiência e a história de vida de cada mulher e auxilie a solucionar, desvendar medos, adversidades e inseguranças no processo do aleitamento. Para que a nutriz se torne independente no cuidado com a criança é essencial que o profissional de enfermagem estabeleça um elo de confiança e aprendizado com a mesma, auxiliando a aumentar sua autoestima e segurança no ato de amamentar.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Delineamento do estudo

Trata-se de uma revisão de literatura com abordagem descritiva. A revisão de literatura envolve localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia de revistas científica e livros relacionada com a sua área de estudo; é, então, uma análise bibliográfica, referente aos trabalhos já publicados sobre o tema.

Assim, a pesquisa bibliográfica é o momento em que o pesquisador consegue identificar os autores que vêm escrevendo e se familiarizando com o tema abordado, dessa forma consegue descrever sobre a sua problemática. Nesse tipo de estudo é possível ampliar e diversificar o conhecimento através da interpretação dos textos lidos, colaborando para argumentos do pesquisador (FERENHOH; FERNANDES, 2016).

3.2 Fonte de dados

Foi realizado um levantamento de dados, em bases indexadas: *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo), Biblioteca Regional de Medicina (BIREME), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), além de manuais e sites do Ministério da Saúde, relacionados com os seguintes descritores: dificuldades de amamentação, desmame precoce, enfermagem e amamentação.

3.3 População e amostra

A busca nas bases de dados nos permitiu identificar 1.000 artigos científicos, sendo: 260 no LILACS, 330 na BIREME, 410 no SCIELO. Contudo, após aplicar os critérios de inclusão e exclusão a amostrada foi fixada em 21 artigos. Os artigos selecionados foram encontrados nas seguintes bases de dados: BIREME, LILACS e SCIELO.

3.4 Local e período do estudo

A revisão de literatura ocorreu nos meses de agosto a dezembro de 2020, foram utilizadas publicações de acordo com a relevância e o objetivo do estudo publicadas nas bases descritas.

3.5 Critérios de inclusão e exclusão

Foram adotados como critérios de inclusão:

- a) Material de procedência nacional;
- b) Textos disponíveis gratuitamente;
- c) Idioma Português com conteúdo relacionado ao tema;
- d) Artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados desde 2010 até 2019.

Excluiremos os materiais bibliográficos que:

- a) Não forem de procedência nacional
- b) Artigos sem data de publicação
- c) Artigos que não estiverem disponível para download

3.6 Estratégia de coleta de dados

A estratégia de coleta de dados aconteceu da seguinte forma: Foi realizada leitura dos textos disponíveis nas bases de dados, e em seguida, realizamos a

análise do conteúdo de cada um deles de forma que nos permitiu identificar o papel da equipe de enfermagem na assistência as mães que não amamentam.

3.7 Análise e apresentação de dados

Os dados foram compilados e analisados segundo a literatura pertinente e foram apresentados de maneira descritiva, utilizando quadros sinópticos e tabelas para maior compreensão e entendimento do leitor.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente foi realizado um levantamento dos artigos nos bancos de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino – Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de dados em Enfermagem (BDENF). Utilizaram-se como descritores: amamentação, dificuldades na amamentação, aleitamento materno, desmame precoce e enfermagem.

Abaixo encontra-se um quadro (**Quadro1**) com o demonstrativo da amostra do estudo de acordo com os objetivos específicos composto por ano, autor, título, periódico, objetivo e resultados principais.

Quadro 1- Demonstrativo dos artigos utilizados para esta pesquisa em ordem cronológica decrescente, entre os anos de 2010 a 2019, Palmas - TO.

Ano	Autor	Título	Periódico	Objetivos	Resultados principais
2019	AOYAMA et al.	O papel da enfermagem no auxílio às mães soropositivas em relação ao aleitamento materno.	Braz. J. Hea. Rev.	Analisar importância do profissional de enfermagem em auxiliar as mães soropositivas em relação à amamentação e o risco de transmissão do vírus recém-nascido.	É necessário viabilizar ainda mais as informações em relação a transmissão do vírus HIV de mãe para filho através da amamentação.
2019	SOUZA et al.	Sentimentos e significados: hiv na	Rev. enferm. UFPE online.	Interpretar os sentimentos e significados que as mulhe-	Denotou-se, sentimentos de angústia, medo, auto-

		impos- sibilidade de amamentar.		res que vivem com HIV/Aids atribuem à impossibilida- de de aleita- mento e à ma- ternidade.	desprezo, ne- gação da pró- pria condição de saúde, iso- lamento e so- lidão devido ao receio do preconceito social.
2019	OLIVEIRA.	Sentimentos de mulheres com depressão pós-parto frente ao aleitamento materno.	Revista enfermag em em foco.	Descrever sentimentos de mulheres com depres- são pós-parto frente ao alei- tamento ma- terno	Concluiu-se que as dificul- dades da de- pressão pós- parto no alei- tamento são: falta de condi- ções psi- cológicas, de- sencantamen- to e sentimen- tos como es- tresse, medo e tristeza.
2019	NERI et al.	Prevalência de desmame precoce e fatores relacionados em crianças do Distrito Federal e entorno.	Revisa.	Verificar a pre- valência de desmame pre- coce em crian- ças menores de um ano de idade e identi- ficar fatores sociais corre- lacionados com essa prá- tica.	Verificou-se que a maioria das mães tem consciência da importância do aleitamento materno exclu- sivo, mas fato- res sociais in- fluenciam dire- tamente no desmame pre- coce. O retor- no das mães ao trabalho e a insegurança de achar que o leite é fraco e não sustenta a criança são problemas fre- quentes.
2018	URBANETTO et al.	Facilidades e dificuldades encontradas pelas	Rev Fund Care Onli- ne.	Conhecer as facilidades e dificuldades encontradas pelas puérpe-	Como facilita- des verifica- ram-se a cria- ção do vínculo entre a mãe e

		puérperas para amamentar.		ras para amamentar.	o bebê, o toque afetivo, a pega correta, a boa produção de leite e a praticidade de amamentar. Dificuldades: necessidade de retornar ao trabalho, complicações como dor, fissuras no mamilo, demora na descida do leite, desconforto, ingurgitamento, o bebê ficar sonolento ou mamar várias vezes ou rejeitar a mama.
2018	ANDRADE; PESSOA; DONIZETTI.	Fatores relacionados ao desmame precoce do aleitamento materno.	Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade.	Investigar os fatores relacionados ao desmame precoce antes dos seis meses de vida.	Observou-se no estudo que as principais causas do desmame precoce estão relacionadas aos mitos existentes que o leite materno é fraco ou insuficiente para o bebê e a má interpretação do choro.
2018	SILVA et al.	Prevalência do aleitamento materno exclusivo e fatores de risco.	Revista Saúde e Pesquisa.	Investigar a prevalência do aleitamento materno exclusivo ao nascer e seus fatores de risco.	Constatou-se que A prevalência de aleitamento materno exclusivo e aleitamento materno foi de 92,7 e 2,9%, respecti-

					vamente. 20,7% das crianças faziam uso de chupeta e 4,4% de mamadeira.
2017	BARBOSA et al.	Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas	Revista Paulista de Pediatria.	Identificar a prevalência de condições indicativas de dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e verificar os fatores associados com a presença de problemas na mama em puérperas em maternidades de Hospitais Amigos da Criança.	Os principais fatores indicativos de dificuldades iniciais com a técnica da amamentação foram a pega inadequada (25,0%), a resposta do bebê ao contato com a mama (26,1%) e os problemas com a mama (28,3%)
2017	HERNANDES et al.	Significado e dificuldades da amamentação: representação social das mães	Revista Psicologia , Diversidade e Saúde.	Caracterizar a representação social das mães sobre o significado do aleitamento materno e sobre os motivos de sua interrupção.	Da pergunta sobre o significado do aleitamento materno, resultaram quatro ideias centrais: previne doenças; promove saúde e crescimento da criança; desenvolve vínculo e amor e provoca desconfortos. As cinco ideias centrais sobre os motivos que as levaram a interromper a amamentação foram: culpa do bebê; leite

					secou; leite fraco; problemas nas mamas e retorno ao trabalho.
2017	COSTA et al.	Dificuldades encontradas pelas mães ao amamentar em uma Unidade de Referência em Atenção Primária.	Ciência em Foco.	Identificar as principais dificuldades encontradas pelas mães ao amamentar em uma Unidade de Referência em Atenção Primária de Rio Branco - Acre.	Dentre as principais dificuldades encontradas ao amamentar destacam-se: 25 (83,3%) afirmam ter pouco leite, 20 (66,7 %) não conseguem posicionar o bebê para mamar, 24 (80%) apresentaram mamas duras e dolorosas, 21 (70%) afirmaram sentir dor durante a mamada, 22 (73,3%) referiram ferida no mamilo.
2016	CARVALHO et al.	Conhecimento das mães sobre aleitamento materno exclusivo e alimentação complementar.	Revista Saúde em rede.	investigar o conhecimento das mães sobre as práticas de Aleitamento Materno Exclusivo e Alimentação Complementar no município de Picos – PI.	Quanto ao aleitamento materno exclusivo apenas 21,20% teve conhecimento considerado bom, 66,70% conhecimento regular e 12,10% conhecimento insuficiente. Em relação ao grau de conhecimento sobre alimentação complementar um percentual

					elevado de mães (60%) apresenta um conhecimento insuficiente sobre este assunto, e para apenas 5% o conhecimento é considerado bom.
2016	LAHÓS et al	Mitos e crenças acerca do aleitamento materno no estado do Rio Grande do Sul (Brasil)	Nutricion Clínica y Dietética Hospitalaria,	Analisar o conhecimento de gestantes no pré-natal de um Hospital-Escola quanto a mitos/crenças relacionados ao aleitamento materno e verificar sua influência na intenção/duração do aleitamento	Os mitos/crenças em torno do aleitamento materno foram muito presentes no cotidiano das gestantes como possíveis causas de desmame precoce, devendo ser estudados mais atentamente e estratégias criadas para amenizar seu impacto negativo na população nutriz.
2016	ROCHA et al.	Percepção do enfermeiro acerca das mães contraindicadas a amamentar no alojamento conjunto.	Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – UFS.	Compreender a percepção do enfermeiro acerca das mães que vivenciam condições que contraindicam a amamentação e reconhecer a experiência do cuidar de mães que tiveram a amamentação contraindicada.	As enfermeiras perceberam que mães que tem a amamentação contraindicada demandam maior atenção e cuidado.

2015	PAULA et al.	Enfrentamento de puérperas HIV positivas relacionado ao ato de não amamentar	Revista Eletrônica de Enfermagem.	Conhecer os sentimentos e as dificuldades de mulheres portadoras do vírus da imunodeficiência adquirida (HIV) frente à não amamentação e à assistência oferecida.	As participantes da pesquisa sofrem com a impossibilidade de não amamentar seus filhos e com a falta de um cuidado individualizado, especialmente, relativos aos problemas nas mamas.
2015	MONTESCHI-O et al.	O enfermeiro frente ao desmame precoce na consulta de enfermagem à criança.	Rev Bras Enferm.	Analisar a atuação do enfermeiro frente ao desmame precoce em crianças menores de 6 meses de idade.	Concluiu-se que os enfermeiros, na maioria das vezes, utilizaram estratégias apropriadas para o manejo dos problemas mais comuns na amamentação, apesar de algumas condutas não terem, ainda, evidência científica comprovada, quanto aos benefícios e/ou prejuízos à sua prática.
2015	SOUSA et al.	Aleitamento materno e os determinantes do desmame precoce.	Revista de Enfermagem da UFPI.	Identificar o perfil sociodemográfico das mulheres que desmamaram precocemente e os fatores de risco para o desmame precoce.	Os resultados evidenciaram mães com renda mensal média de 740,55 reais; jovens no período pós-parto, com média de 23,4 anos de idade; 46,4% casa-

					das; e com 10,5 anos de estudo. Apenas uma mãe teve licença maternidade de seis meses, o que corresponderia ao tempo ideal para aleitamento materno exclusivo; e 17 mães (30,4%) relataram o leite insuficiente como motivo para o desmame precoce.
2014	KLEINÜBING et al.	Puérperas soropositivas para o hiv: como estão vivenciando a não amamentação	Rev enferm UFPE on line	Conhecer como puérperas soropositivas para o HIV estão vivenciando ou vivenciaram a orientação de não amamentar.	Sentimento de tristeza e angústia estiveram presentes nos relatos, entretanto, a decisão de não amamentar está atrelada à proteção e amor pelo bebê.
2013	GONÇALVES et al.	Mulheres soropositivas para o hiv: compreensão, sentimentos e vivência diante da maternidade.	Rev Bras Promoc Saude.	Compreender os sentimentos das mulheres portadoras de HIV, enfatizando o significado de estarem grávidas, a impossibilidade de amamentarem, bem como a vivência relacionada aos procedimentos utilizados para	Os resultados possibilitaram compreender a sobrecarga de sentimentos como tristeza, surpresa, desespero e auto-preconceito relativos à descoberta do diagnóstico e à preocupação com a saúde do filho.

				inibição da lactação.	
2013	NEVES et al.	A impossibilidade de amamentar em diferentes contextos.	Barbarói, Santa Cruz do Sul.	Investigar os sentimentos e o significado atribuído por mulheres à vivência da impossibilidade de amamentar.	As dificuldades vivenciadas por estas mulheres não inibiram seu desejo de amamentar. Contudo, o dilema vivido frente à impossibilidade e ao sofrimento decorrido fizeram com que elas buscassem informações e o que era necessário para oferecer o melhor para o desenvolvimento e para a saúde de seus filhos.
2011	QUIRINO et al.	Significado da experiência de não amamentar relacionado às intercorrências mamárias.	Cogitare Enferm.	Relatar a vivência de mulheres na prática do aleitamento materno, descrever os sentimentos vivenciados pelas mães que não amamentaram e apreender o significado de não amamentar.	Os sentimentos atribuídos pelas participantes e o significado de não amamentar foram: tristeza, impotência, dor, alívio da obrigação, sossego.

2010	ALMEIDA et al.	Amamentação para mães primíparas: perspectivas e Intencionalidades do enfermeiro ao orientar	Cogitare Enferm.	Compreender os motivos do enfermeiro ao orientar primíparas sobre amamentação.	O enfermeiro, ao orientar as primíparas sobre amamentação, espera incentivar a amamentação e alertar sobre suas dificuldades e complicações.
------	----------------	--	------------------	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

São inúmeros os benefícios do aleitamento materno, e o mesmo está fortemente relacionado a baixos índices de infecções e redução da mortalidade, quando comparado a crianças não amamentadas. Além de promover para as mães: redução de estresse e mau humor, promoção da contração uterina, redução do risco de doenças como o câncer, artrite reumatoide e osteoporose. No entanto, o desmame precoce ainda é um problema bastante presente em nosso meio, sendo definido como o abandono, total ou parcial, do aleitamento materno antes do bebê completar seis meses de vida (AMARAL, 2015).

Entretanto, são vários os fatores existentes que podem influenciar na duração e sucesso do aleitamento materno, desde a falta de conhecimento, equívocos em informações sobre o aleitamento materno, falta de apoio, cansaço extremo, depressão, crenças negativas, entre outros.

Diante deste cenário, buscamos demonstrar através da **Tabela 1** o perfil das mães que apresentam maior dificuldade para manter a amamentação, seja por motivos intrínsecos, quanto extrínsecos.

Tabela 1 - Demonstrativo do perfil das mães que não conseguem/podem amamentar, segundo a pesquisa realizada em Palmas - 2020.

FAIXA ETÁRIA	n	%
Menores de 20 anos	5	25
20-29 anos	9	45
30- 40 anos	6	30
ESCOLARIDADE		
Ensino Fundamental incompleto	7	19.4
Ensino Fundamental completo	7	19.4
Ensino Médio completo	7	19.4
Ensino médio incompleto	6	17
Ensino Superior Completo	3	8.3

Ensino superior incompleto	3	8.3
Nenhum	2	5.5
Pós Graduação	1	2.7
ESTADO CIVIL		
Casada	7	35
Solteira	6	30
Divorciada	4	20
União Estável	3	15
OCUPAÇÃO PROFISSIONAL		
Empregada	7	39
Desempregada	7	39
Outros	4	22
NÚMERO DE FILHOS		
1 filho	6	37.5
2 filhos	5	31.2
3 filhos ou mais	5	31.2

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Constata-se que a maioria das mães que não conseguem/podem amamentar encontra-se na faixa etária de 20-29 anos com 45% (n=9). Neri; Alves; Guimarães (2019) relatam que embora dos 20 aos 30 anos seja uma faixa etária biologicamente oportuna para a gestação, ao mesmo tempo é um período que pode trazer inúmeras dificuldades para a mãe, como inserção no mercado de trabalho, estudos e outros fatores sociais que podem influenciar negativamente no processo de amamentação.

Com relação a escolaridade 17% (n=6) apresentam o ensino médio incompleto e 5,5% (n=2) não possuem nenhuma escolaridade. Segundo Andrade; Pessoa; Donizetti (2018), Barbosa et al. (2017) e Carvalho et al. (2016), nutrizes com menor escolaridade propendem a desmamar seus filhos precocemente. Isso ocorre devido ao menor acesso às informações a respeito das vantagens do aleitamento materno em relação às mães com maior nível educacional.

A maior parte 35% (n=7) são casadas, o que denota a presença de um parceiro, o qual poderia auxiliar na permanência do aleitamento. Para Costa et al., (2017), Neri; Alves; Guimarães (2019) e Oliveira et al., (2019), mães casadas ou em uma união estável geralmente tem maior prevalência de amamentação, o que não foi observado nessa pesquisa.

Em relação a ocupação profissional 39% (n=7) são empregadas. Para Andrade; Pessoa; Donizetti (2018) o fato das mães possuírem emprego formal pode favorecer a interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo, pois mesmo

existindo Políticas de Apoio à Mulher Trabalhadora que amamenta nem sempre elas apresentam de maneira satisfatória as condições de trabalho da mulher e não contribuem algumas vezes com a continuidade da amamentação além da licença maternidade.

Ainda de acordo com o supracitado, outro fator que também pode influenciar o desmame precoce é o fato de as nutrizes possuírem ocupação domiciliar, devido à sobrecarga do trabalho doméstico. Com a dedicação ao lar, os filhos acabam sendo deixados em segundo plano e não recebem a atenção necessária, ou seja, elas não têm tempo para se dedicar ao aleitamento materno exclusivo, pela falta da rede de apoio e a sobrecarga dos seus afazeres domésticos.

Quanto ao número de filhos 37.5% (n=6) possuem apenas 1 filho. Para Andrade; Pessoa; Donizetti (2018), Sousa et al., (2015) e Monteschio; Gaíva; Moreira (2015) o fato do desmame precoce se mostrar superior em mães que possuem apenas um filho pode ser fundamentado pela pouca experiência e imaturidade para cuidar e amamentar seu filho. Desta maneira, é crucial que as nutrizes tenham uma maior aderência às ações de orientação sobre o aleitamento, principalmente as primíparas. Essas ações devem originar-se preferentemente da Unidade Básica de Saúde (UBS), tendo como foco principal a promoção do aleitamento materno e prevenção de agravos decorrentes da interrupção desta prática antes do preconizado pelo Ministério da Saúde.

Tabela 2- Demonstrativo sobre os principais fatores que dificultam a prática da amamentação, segundo a pesquisa realizada, Palmas -2020.

Fatores que dificultam a prática da amamentação	n	%
Leite fraco/ insuficiente	9	16
Volta ao trabalho	8	14
Mães portadoras de HIV	7	12
Crenças, cultura e estilo de vida	6	11
Traumas mamilares	6	11
Uso de chupetas/mamadeiras	5	9
Ausência de conhecimento sobre a importância do aleitamento materno	4	7
Dificuldade do bebê com a pega	4	7
Má interpretação do choro	2	3.5
Fatores psíquicos	2	3.5
Gravidez não planejada	1	2
Fatores biológicos	1	2
Apoio insuficiente para amamentar	1	2

TOTAL	56	100
--------------	-----------	------------

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Como podemos observar na Tabela 2, os fatores que dificultam a prática da amamentação, segundo os autores que compuseram a amostra, são: Concepção de leite fraco/insuficiente (n=9) com 16%, volta da mãe ao trabalho (n=8) com 14%, mães portadoras de HIV (n=7) com 12%, crenças, cultura e estilo de vida (n=6) com 11%, traumas mamilares (n=6) com 11%, uso de chupetas e mamadeiras (n=5) com 9%, ausência de conhecimento sobre a importância do aleitamento materno (n=4) com 7%, dificuldade do bebê com a pega (n=4) com 7%, má interpretação do choro (n=2) com 3.5%, gravidez não planejada (n=1) com 2%, seguido por fatores biológicos (n=1) com 2% e apoio insuficiente para amamentar (n=1) com 2%. Justifica-se o total de 12 métodos e 49 citações apresentados nesta tabela, uma vez que alguns artigos citaram mais de um fator, o que elucida a importância desta temática.

De acordo com Silva et al., (2018); Monteschio; Gaíva; Moreira (2015) e LAHÓS; PRETTO; PASTORE (2016) a concepção de "leite fraco" e que "não sustenta" ocorre pelo fato das mães interpretarem o choro da criança como ausência de saciedade, esperando que a criança durma após mamar. O leite materno por depender da estimulação e pega adequada do lactente ao seio materno delonga mais para ser ejetado, necessitando a criança de mais tempo para mamar, se o período da amamentação for insuficiente, o bebê necessitará mamar novamente com um menor intervalo entre as mamadas. Diante disso, a nutriz acaba se convencendo que o seu leite é insuficiente e de baixa qualidade para atender as demandas nutricionais do seu filho, e acabam optando pela mamadeira devido a mesma ejetar uma quantidade de líquido superior ao da mama, exigindo menor esforço e saciando mais rapidamente. Contudo, não existe "leite fraco", todo leite materno é forte e bom, a cor do leite pode diferenciar, mas ele nunca é fraco, e a maioria das mulheres tem condições biológicas de produzi-lo.

Diante disso, é imprescindível que os profissionais de saúde estejam aptos a detectar e propor intervenções adequadas e eficazes para os principais problemas relacionados ao processo de amamentação, que comumente estão associados às dificuldades na técnica da amamentação. A intervenção prévia pode retomar a produção adequada de leite, reduzir a inquietude materna e estimular as

pessoas mais próximas da família a apoiar a lactante nos momentos de angústias e dúvidas na prática da amamentação. (MONTESCHIO, GAÍVA; MOREIRA, 2015).

Para Hernandez et al., (2017) a necessidade de retorno ao trabalho é outro motivo para o desmame precoce, principalmente para mães que exercem dupla jornada de trabalho, as quais, além de seu emprego, ainda exercem as atividades do lar, tornando seu dia-a-dia estressogênico e ansiogênico.

De acordo com Andrade; Pessoa; Donizetti (2018), outro fator que pode contribuir com o desmame precoce é a gravidez não planejada. Isso pode acontecer pelo fato de não ser uma gravidez esperada e a mãe não estar preparada para dedicar-se aos cuidados com o filho, tendo dificuldades em amamentar. Se faz necessário que os profissionais de saúde acolham, apoiem e incentivem estas nutrizes de modo que seja estabelecido o vínculo com o bebê e o processo do aleitamento materno exclusivo seja alcançado com sucesso.

A não amamentação advém de vários fatores que já levantamos neste artigo, desde a falta de incentivo e/ou auxílio de uma rede de apoio, problemas de saúde, entre outros. Entretanto, podemos observar na Tabela 3, que inúmeras são as consequências da não amamentação na vida das mães, entre elas: tristeza (n=5) com 17,2%, angústia (n=5) com 17%, medo (n=5) com 14%, sentimento de culpa (n=4) com 14%, frustração (n=3) com 10%, mal-estar (n=2) com 7%, autodesprezo (n=2) com 7%, desespero (n=2) com 7%, raiva (n=1) com 3,4%, seguido por autopreconceito (n=1) com 3,4%,

Tabela 3 - Demonstrativo das consequências da não amamentação na vida das mães, segundo a pesquisa realizada, Palmas -2020.

Consequência da não amamentação na vida das mães	N	%
Tristeza	5	17,2
Angústia	5	17
Medo	4	14
Sentimento de Culpa	4	14
Frustração	3	10
Mal estar	2	7
Autodesprezo	2	7
Desespero	2	7
Raiva	1	3,4
Autopreconceito	1	3,4
TOTAL	29	100

Fonte: Elaborada pela autora (2020).

O conceito da maternidade está profundamente ligado ao ato de amamentar. Por mais deficiente que seja o conhecimento das mães sobre as vantagens do

aleitamento materno, elas compreendem a importância dessa prática para a saúde de seus filhos (GONÇALVES et al., 2013).

Para Paula et al. (2015); Kleinübing et al. (2014) e Gonçalves et al., (2013), a não amamentação provoca grande sofrimento emocional, proporcionando sentimentos dolorosos e conflitantes. Diante da descoberta da impossibilidade de amamentar, algumas lactantes sentem-se reduzidas quanto ao seu papel de mulher e mãe na sociedade, principalmente ao se comparar com mulheres que amamentam.

De acordo com Kleinübing et al. (2014), o HIV é um contexto que gera bastante desconforto, tristeza, sentimento de culpa e raiva, pelo fato da inibição da lactação ser uma conduta preconizada pelo Ministério da Saúde para as mães portadoras deste vírus, afim de evitar a transmissão vertical da doença. Contudo, para essas mães a não amamentação pode levantar suspeitas por parte de amigos, vizinhos e/ou familiares quanto ao seu diagnóstico, expondo-a eventualmente à recriminação social.

Corroborando Souza et al.,(2019) e Neves; Marin (2013) descrevem que essas mulheres sofrem por não estar amamentando e, em seguida, pela condenação da sorologia positiva para o HIV frente o sentimento de medo do estigma e da discriminação social. Torna-se possível, desta forma, perceber que a cobrança social as coloca em situações constrangedoras.

4.1 PAPEL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA AS MÃES QUE NÃO AMAMENTAM

Sabe-se que a amamentação se constitui um vínculo humano, com aspectos biologicamente determinados, mas, principalmente sócio-culturalmente condicionados, passando da dimensão mãe e bebê, entende-se que a contraindicação da amamentação possa provocar sofrimento psicológico e tristeza. Diante disso, é fundamental e indispensável que a enfermagem efetive um cuidado humanizado às mães impossibilitadas de amamentar, e que além de fornecer orientações a elas, também proporcione subsídios para o enfrentamento das principais dificuldades vivenciadas (ROCHA, 2016).

Corroborando com essa fala, Quirino et al. (2011) descreve que se faz de fundamental importância que os profissionais de saúde analisem as intervenções,

quanto ao seu papel de educadores e promotores da saúde, abandonando o caráter de apenas enaltecer as vantagens bioquímicas e fisiológicas do leite materno para a saúde da criança, mas também inserir o entendimento do significado da maternidade e da corporeidade no cotidiano da mulher. É necessário desenvolver estratégias que reconheçam a posição da mulher, de maneira a valorizá-las como sujeitos de direito e donas do seu corpo, evitando reproduzir o discurso da culpabilidade e da responsabilização quando a amamentação não acontece.

Silva et al (2018) e Almeida et al (2010) em seus estudos com primíparas revelaram uma preocupação por parte dos enfermeiros ao orientar, na intencionalidade de estimular o aleitamento materno e, alertar também sobre as prováveis dificuldades e/ou complicações acerca da amamentação, desmistificando suas crenças e desvendando mitos.

Assim, se faz necessário que a equipe de enfermagem se aproxime da realidade dessas mulheres, ouvindo-as e permitindo que elas expressem todos os seus sentimentos e dúvidas; sendo capaz de esclarecer todos os seus anseios, perceber possíveis riscos para a saúde da mulher e do bebê, além de elaborar medidas que torne mais calma a vivência dessa realidade (ROCHA,2016).

Aoyama et al. (2019) descreve que o enfermeiro possui uma grande importância no auxílio a mães soropositivas, uma vez que estas precisam tanto do apoio familiar quanto do profissional de enfermagem, a fim de não se sentirem excluídas ou discriminadas e evitar a transmissão vertical por falta de informação.

Cabe aos profissionais de saúde prestarem um maior cuidado a essas mães que tiveram a amamentação contraindicada, principalmente no que diz respeito ao apoio e à orientação em saúde. Faz-se necessário que a equipe de enfermagem esteja mais sensível em sua prática à identificação das necessidades emocionais dessas mães, necessitando ampliar a preocupação com uma assistência de enfermagem mais qualificada, e que com sensibilidade ofereça atenção, apoio e orientação buscando compreender a singularidade que cada situação exige (ROCHA, 2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do que foi proposto constatou-se que embora o aleitamento materno exclusivo proporcione inúmeros benefícios, são vários os fatores existentes que

fazem com que essa prática não seja adotada com eficácia, tais como dificuldade do bebê com a pega, traumas mamilares, uso de chupetas e mamadeiras, concepção de leite fraco/ insuficiente, volta da mãe ao trabalho, entre outros.

Faz-se necessário que os profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, se atentem que a amamentação não se trata de um ato instintivo, onde as mulheres, ao se tornarem mães, já sabem como realiza-lo. A amamentação requer técnica, esclarecimento, apoio e paciência.

Como foi visto, em alguns casos o ato de amamentar o seu filho é contraindicado, o que acaba gerando bastante sofrimento emocional, uma vez que algumas lactantes se sentem reduzidas quanto ao seu papel de mulher e mãe na sociedade.

Sugerimos que este tema seja mais discutido perante as gestantes e nutrizas, uma vez que a idealização da amamentação e desse "momento mágico" faz com que muitas mulheres não estejam preparadas para as reais dificuldades do aleitamento materno e, como consequência, o desmame precoce e os sentimentos de culpa e fracasso por parte delas.

É imprescindível que a equipe de enfermagem se aproxime da realidade dessas mulheres, ouça todos os seus sentimentos e seja capaz de esclarecer todas as suas dúvidas para que as mesmas se sintam confiantes em relação ao aleitamento materno, beneficiando tanto a mãe quanto o bebê. É necessário que as práticas educativas sejam direcionadas no sentido de minimizar as dificuldades enfrentadas pelas puérperas durante a amamentação. Por meio dessas ações podem-se reduzir os índices do desmame precoce.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inez Silva.; RIBEIRO, I. B.; RODRIGUES, B. M. R. D.; COSTA, C. C. P.; FREITAS, N. S.; VARGAS, E. B. Amamentação para mães primíparas: perspectivas e intencionalidades do enfermeiro ao orientar. **Revista Cogitare Enfermagem**, v. 15, n.1, p. 19-25, Jan/Mar 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/17139/11282>> Acesso em: 28 nov. 2020.

AOYAMA, E. A. A.; GOMES, A. M.; LIMA, G. A.; SOUSA, K. R. S.; SOUZA, R. A. G.; ASSUNÇÃO, E. R. S. O papel da enfermagem no auxílio à mães soropositivas em relação ao aleitamento materno. **Rev. Braz. J. Hea**, v.2, n.1, p. 469-79, jan./fev. 2019. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/1025>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ANDRADE, H. S.; PESSOA, R. A; DONIZETE, L. C. V. Fatores relacionados ao desmame precoce do aleitamento materno. **Rev Bras Med Fam Comunidade**, v. 13, n.40, p. 1-11. 2018. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc13\(40\)1698](http://dx.doi.org/10.5712/rbmfc13(40)1698)>. Acesso em: 13 ago. 2020.

ANDRADE, I. S. N. Aleitamento materno e seus benefícios: primeiro passo para a promoção saúde. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 27, n. 2, p. 149-150, 30 jun. 2014. Fundação Edson Queiroz. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5020/18061230.2014.p149>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

AMARAL, R. C. Fatores que contribuem para o desmame precoce e atuação de enfermagem. **Rev. científica**, n. 9, 2015. Disponível em: <<http://seicesucol.edu.br/revista/index.php/facider/article/view/142>>. Acesso em: 08 maio 2020.

AZEVEDO, A. R. R. et al., O manejo clínico da amamentação: saberes dos enfermeiros. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v 19, n.3, p. 439-45, Jul./Set., 2015. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ean/v19n3/1414-8145-ean-19-03-0439.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2020

BARBOSA, G. E. F.; SILVA, V. B.; PEREIRA, J. M.; SOARES, M. S.; FILHO, R. A. M.; PEREIRA, L. B.; CALDEIRA, A. P. dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas. **Rev Paul Pediatr**, v. 35, n.3, p. 265-72, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-0462/2017;35;3;00004>>. Acesso em: 26 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamentos de Ações Programáticas e Estratégicas. **Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno em Municípios Brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_prevalencia_aleitamento_materno.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Aleitamento Materno e Alimentação Complementar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

CUNHA, E. C.; SIQUEIRA, H. C. H. Aleitamento Materno: contribuições da enfermagem. **Ensaio e Ciência: C. Biológicas, Agrárias e da Saúde**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 86-92, 5 ago. 2016. Editora e Distribuidora Educacional. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17921/1415-6938.2016v20n2p86-92>>. Acesso em: 11 maio 2020.

CAMARGO, P. S. D. Visão das puérperas sobre a amamentação nos primeiros dias de vida do recém-nascido. 2017. 72 f. Trabalho de conclusão de curso (Residência multiprofissional em neonatologia) Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2017. [Orientador: Ms. Isaac Rosa Marques]. Disponível em: <<http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/05/994952/tcr-priscila-saniela.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

CARVALHO, J. L. S.; CIRINO, I. P.; LIMA, L. H. O.; SOUSA, A. F.; CARVALHO, M. F.; OLIVEIRA, E. A. R. Conhecimento das mães sobre aleitamento materno exclusivo e alimentação complementar. **Revista Saúde em Redes**, v.2, n. 4, p. 383-92, 2016. Disponível em: <<http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/794>>. Acesso em: 12 fev. 2020

CAPUCHO, L. B.; FORECHI, L.; LIMA, R.; MASSARONI, L.; PRIMO, C. Fatores que interferem na amamentação exclusiva. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**. Vitória, v.19, n.1, p.108-13, jan./mar. 2017. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Fatores-que-interferem-na-amamenta%C3%A7%C3%A3o-exclusiva-Capucho-Forechi/5c41b91c642f21ec2c7797c1b6f281ba7ae34248>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

COSTA, E. F. G.; ALVES, V. H.; SOUZA, R. M. P.; RODRIGUES, D. P.; SANTOS, M. V. OLIVEIRA, F. L. Atuação do enfermeiro no manejo clínico da amamentação. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 217, 9 jan. 2018. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i1.217-223>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

COSTA, R.; SALOMÃO, A; ARAUJO, C.; BEZERRA, K. Dificuldades encontradas pelas mães ao amamentar em uma Unidade de Referência em Atenção Primária. **Rev. Ciência em Foco**, v.1, n.1, p: 48-63. 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750889003.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

FALSETT, C. F; SANTOS, I. M. M; VASCONCELLOS, A, M. Fatores que interferem no processo de aleitamento materno de crianças com necessidades de saúde variadas. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 11, n. 5, p. 248-254, 4 out. 2019. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1278-1285>>. Acesso em: 25 maio 2020.

FARIA, F. C.; FAVERO, A. C. D.; BARBOSA, A. S. C.; BATISTA, F. C. F.; MENDES, A. A. Principais causas da não amamentação exclusiva das mulheres assistidas em uma esf da cidade de manhuaçu, Minas gerais. **Pensar Acadêmico**, Manhuaçu, v. 15, n. 2, p. 147-59, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.21576/rpa.2017v15i2.332>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

FERREIRA, G. R. O papel da enfermagem na orientação ao aleitamento materno exclusivo. **Rev. Conexão Eletrônica**, v. 13, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2016/downloads/1.%20Ci%C3%A7ncias%20Biol%C3%B3gicas%20e%20Ci%C3%A7ncias%20da%20Sa%C3%BAde/070_Inicia%C3%A7%C3%A3o%20-%20O%20Papel%20da%20Enfermagem.pdf>. Acesso em: 06 maio 2020.

FERENHOF, H.A.; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: Método SSF. **Revista ACB**, v.21, n.3, p. 550-63, 2016. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194>>. Acesso em: 11 fev.2020.

GONÇALVES, V. F. G. TEIXEIRA, D. Q.; OLIVEIRA, P. F.; SOUSA, T. H. Mulheres soropositivas para o HIV: compreensão, sentimentos e vivência diante da maternidade. **Rev Bras Promoc Saude**, v.26, n.2, p. 281-289, abr./jun., 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/2918>> . Acesso em: 17 nov. 2020.

HERNANDES, T. A.; FUJINAMI, A. K.; RAIMUNDO, E. C.; CARDOSO, C. P.; HIGA, E. F. R. LAZARINI, C. A. Significado e dificuldades da amamentação: representação social das mães. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v.6, n.4, p.247-257, 2017. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1692>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

JACINTO, D. V. NETO, E. K. P.; SILVA, G. N.; SILVA, M. M.; NAPOLI, R. G. AMARAL, T. O. S.; SUGITA, D. M. Aleitamento materno: benefícios e fatores associados. **Revista Educação em Saúde**, v. 5, suplemento 1, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/2353>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

KLEINÜBING, R. E.; LIPINSKI, J. M.; PEREIRA, F. W.; FONSECA, A. D.; CHAGAS, M. C. S. ILHA, S. Puérperas soropositivas para o HIV: Como estão vivenciando a não amamentação. **Rev enferm UFPE on line**, v.8, n.1, p.107-13, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/9612/9588>>. Acesso em : 17 nov. 2020.

LAHÓS, N. T.; PRETTO, A. D. B.; PASTORE, C. A. Mitos e crenças acerca do aleitamento materno no estado do Rio Grande do Sul (Brasil). **Nutricion Clinica y Dietetica Hospitalaria**, n. 4, p. 27-33, 2016. SEDCA. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12873/364toschi>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

LIMA, S. P.; SANTOS, E. K. A.; ERDMANN, A. L.; FARIAS, P. H. S.; AIRES, J.; NASCIMENTO, V. F. N. Percepção de mulheres quanto à prática do aleitamento materno: uma revisão integrativa. **Rev Fun Care Online**, v.11, n.1, p. 248-54, 2019. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v11.6853>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

LIMA, C. M.; SOUSA, L. B.; COSTA, E. C. S.; SANTOS, M. P.; CAVALCANTI, M. C. S. L.; MACIEL, N. S. Auto eficácia na amamentação exclusiva: avaliação dos domínios técnica e pensamentos intrapessoais em puérperas. **Rev. Enfermagem em Foco**, v.10, n. 3, p. 9-14, 2019. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1597/539>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

MACHADO, M. O. F.; HAAS, V. J.; STEFANELLO, J.; NAKANO, A. M. S.; SPONHOLZ, F. G. Aleitamento materno: conhecimento e prática. **Rev Esc Enferm**, v. 46, n. 4, p. 809-815, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000400004>>. Acesso em: 08 maio 2020.

MONTESCHIO, C. A. C.; GAÍVA, M. A. M, MOREIRA, M. D. S. O enfermeiro frente ao desmame precoce na consulta de enfermagem à criança. **Revista Brasileira de Enfermagem - REBEN**, Brasília, v.68, n.5, p. 587-93, out. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2015680515i>> Acesso em: 15 set. 2020.

NERI, V. F.; ALVES, A. L. L.; GUIMARÃES, L. C. Prevalência de desmame precoce e fatores relacionados em crianças do Distrito Federal e entorno. **REVISA**, v.8, n.4, p. 451-9, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.36239/revisa.v8.n4.p451a459>> Acesso em: 13 ago. 2020.

NEVES, C. V.; MARIN, A. H. A impossibilidade de amamentar em diferentes contextos. **Revista do Departamento de Ciências Humanas**, Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p., jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2037>> Acesso em: 17 nov. 2020.

NIQUINI, R. P.; BITTENCOURT, S. A.; LACERDA, E. M. A.; LEAL, M. C. Fatores associados à introdução precoce de leite artificial, Município do Rio de Janeiro, 2007. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 12, n. 3, p. 446-457, set. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1415-790x2009000300013>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

OLIVEIRA, K.A. Aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida do bebê: Benefícios, dificuldades e intervenções na atenção primária a saúde. 2011. 22 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em atenção básica em saúde da família) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. [Orientador: Prof. Dra. Erika Parlato Oliveira] Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2950.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

OLIVEIRA, T. C. DE; OLIVEIRA, T. C. DE; SILVA, M. DAS M. G. DA; SILVA, J. B. DA. Revisão sobre a importância do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida para a dupla mãe-bebê. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 1, n. Esp 2, p. 250-254, 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/90/51>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

OLIVEIRA, M. G.; TEIXEIRA, R. S.; COSTA, V. N. M.; ALENCAR, P. H. L.; RODRIGUES, E. O.; LIMA, A. C. M. A. C. C.; LOPES, A. F. Sentimentos de mulheres com depressão pós-parto frente ao aleitamento materno. **Rev. Enferm. Foco**, v. 10. n. 3, p. 88-92, 2019. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1702/595>> Acesso em: 22 maio 2020.

PAULA, M. G.; DELL'AGNOLO, C. M.; CARVALHO, M. PELLOSO, S. M. Enfrentamento de puérperas HIV positivas relacionado ao ato de não amamentar. **Rev. Eletr. Enf. [Internet]**, v.17, n.1, p.136-42. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i1.23949>> Acesso em: 17 nov. 2020.

QUIRINO, L. S.; OLIVEIRA, J. D.; FIGUEIREDO, M. F. E. R.; QUIRINO, G. S. Significado da experiência de não amamentar relacionado às intercorrências mamárias. **Rev. Cogitare Enferm**, v.16, n. 4, p. 628-33. 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/21927>> Acesso em: 24 nov. 2020.

ROCHA, T. N. A. Percepção do enfermeiro acerca das mães contraindicadas a amamentar no alojamento conjunto. 2016. 87p. Dissertação de Pós Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Sergipe, 2016. [Orientador: Profª Drª Rita Maria Viana Rêgo] disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/4994> > Acesso em: 19 nov. 2020.

SANCHES, M. T. C. Manejo clínico das disfunções orais na amamentação. **Jornal de Pediatria**, [s.l.], v. 80, n. 5, p. 155-162, nov. 2004. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0021-75572004000700007>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

SILVA, L. L. A.; CIRINO, I. P.; SANTOS, M. S.; OLIVEIRA, E. A. R.; SOUSA, A. F. LIMA, L. H. O. Prevalência do aleitamento materno exclusivo e fatores de risco. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 11, n. 3, p. 527-534, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6871>> Acesso em: 14 set. 2020.

SOUSA, M. S.; AQUINO, P. S.; AQUINO, C. B. Q.; PENHA, J. C.; PINHEIRO, A. K. B. Aleitamento materno e os determinantes do desmame precoce. **Rev Enferm UFPI**, v. 4, n.1, p. 19-25, jan./mar.2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/3142/pdf>>. Acesso em: 26 maio 2020.

SOUZA, F. L. P.; CLARK, L. M.; LELIS, B. D. B.; DUSSO, M. I. S.; LEITE, A. M. Sentimentos e significados: HIV na impossibilidade de amamentar. **Rev enferm UFPE on line**, v. 13, 2 out. 2019. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.5205/1981-8963.2019.241854>> Acesso em: 17 nov. 2020.

TEIXEIRA, M. A.; LUZ, R. T.; CRUZ, M. G.; RIBEIRO, V. M.; ARAUJO, V. M.; BASTOS, N. L. M. V. Cuidar em enfermagem às famílias que vivenciam a amamentação. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, 11(Supl. 8):3190-7, ago., 2017a. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/110183/22063>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

TEIXEIRA, M. A.; LUZ, R. T.; CRUZ, M. G.; RIBEIRO, V. M.; ARAUJO, V. M.; BASTOS, N. L. M. V. Sentimentos de mulheres soropositivas acerca da não amamentação. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 31, n. 3, p. 1-9, 27 out. 2017b. Revista Baiana de Enfermagem. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v31i3.21870>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

URBANETTO, P. D. G; COSTA, A. R.; GOMES, G. C.; NOBRE, C. M. G.; XAVIER, D. M.; JUNG, B. C. Facilidades e dificuldades encontradas pelas puérperas para amamentar. **Rev Fund Care Online**, v. 10, n. 2, p. 399-405, 2018. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6060>>. Acesso em: 15 fev. 2020.